
GÁLATAS:

A EPÍSTOLA

DA ABERTURA

DE FRONTEIRAS

ANDRÉA PANIAGO FIDELES

FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas: a epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.

O desenvolvimento de pesquisas na área das relações de gênero ainda encontra sérias dificuldades tanto na sua discussão quanto no suporte técnico e financeiro. Talvez o maior de seus problemas seja o preconceito, pois algumas pessoas acreditam e consideram essa abordagem descabida, ultrapassada e enfadonha. Apesar de se apresentar de modo sutil, o preconceito é velado e reprime informações fundamentais sobre as relações de gênero e sua importância.

Ainda hoje esses fatos podem ser observados nos universos acadêmico e popular, quando se escuta dizer que homens e mulheres são tratados sem ou quase sem distinção, assim como as raças, as idades, a condição econômica ou social, como se não tivessem implicações cruéis no cotidiano, reflexo de um passado cercado pelo silêncio. Na realidade, existe uma grande necessidade de se estudar as diferenças das diversas formas de se analisar os seres humanos na história.

Contudo, vozes e mãos se unem em prol de divulgar e aprofundar a questão de gênero existente também na literatura bíblica, proporcionando uma verdadeira revolução na atuação religiosa e social dos que relêem os textos bíblicos e os colocam em prática. Essa revolução é ofere-

cida quando o autor Ferreira reconstrói Gálatas, analisando o capítulo 3,26-28, tendo como chave de leitura a simetria comunitária, reflexo da busca que a Epístola conquista ao ser, lida na perspectiva de uma possível sociedade cristã igualitária e livre.

Gálatas: a epístola da abertura de fronteiras é um intenso exercício hermenêutico, fruto de longa pesquisa realizada pelo autor. O livro não se assemelha ao alvoroço de quem descobre a liberdade em Gálatas pela primeira vez, muito menos se parece com aqueles(as) que já se assentaram em suas próprias convicções e teorias. O livro é dinâmico e propõe um belo diálogo entre ciência e religião, na tentativa de manter um intercâmbio entre o pluralismo cultural.

O autor é casado, pai, professor na graduação em Teologia e no Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Doutor em Literatura e Religião no Mundo Bíblico pela Universidade Metodista de São Paulo, sua tese de doutorado já demonstrava seu interesse na relação de gênero, tendo como tema *A abertura das fronteiras rumo à igualdade e liberdade: a perícopé da unidade em Cristo – Gálatas 3,26-28*.

A introdução geral é rica na explanação dos acontecimentos das micro e macrorrelações da região da Galácia. O autor preocupou-se em ilustrar cada passo da formação desse povo antes de adentrar no relacionamento de Paulo com as comunidades do Norte, antes de caracterizá-lo, sua missiva, seus concorrentes (as missionárias e os missionários judeu-cristãos), as comunidades e seus próprios conflitos e ainda a influência das culturas greco-romana.

A coerência na abordagem metodológica mescla intensamente os conflitos pessoais e comunitários, que colaboram na identificação dos embates que estavam por trás da formação literária da Epístola. Para tanto, foram exercitados pelo autor três métodos de leitura muito bem elaborados, mas de fácil acesso ao(à) leitor(a): o histórico-crítico, o hermenêutico teológico e o método sociológico. Todos foram acertadamente delineados pelas retomadas à história do povo reunido na região da Galácia, pela descrição minuciosa das tensões advindas do sistema político e econômico (+-57d.C.) impostos por Roma, pelas várias correntes dos cristianismos originários e pelos choques culturais, fortemente vivenciados pela religiosidade.

Diante de todos estes conflitos sociais, culturais, políticos, religiosos e de uma parcela do judaísmo conformada com a opressão vinda de Roma, a nova

hermenêutica paulina apresenta uma alternativa libertária, que nega os moldes do sistema vigente escravagista e que pode acabar com as ‘regalias’ judaicas, entre elas, a de ter sua religião como lícita no Império.

A sensibilidade do autor encontra o motivo da Epístola aos Gálatas: ela evoca um novo chamamento às comunidades da região e faz de Paulo ‘apóstolo de todas as gentes’. Ele, que está ameaçado em sua autoridade e que sai em sua autodefesa, referenda sua missão apostólica em seu envio divino ao estilo dos profetas do Primeiro Testamento.

Para o autor, o cerne da carta está na liberdade e na vida fraterna, na qual não haja mais judeus(ias) nem gregos(as), escravos(as) nem livres, macho nem fêmea, todos(as) na unidade em Cristo. A proposta de Paulo está na “unidade em Cristo, fundamentada na superação de todos os preconceitos e exclusões. A fé e o batismo aboliram todas as diferenças” (p. 103).

Na visão do autor, Paulo está preocupado e interpreta as comunidades como retomando a ‘obrigação’ e o legalismo. A falta de compreensão por parte dos Gálatas ameaça a vida comunitária, o projeto de liberdade e a vida no Espírito, pois todos(as) “estão sendo tentados a absolutizar o legalismo rabínico” (p. 156).

A prédica radical de Paulo é tratada pelos contornos da humanidade do apóstolo. Seu temperamento a florado ressalta suas características de pessoa sangüínea (Gl 1,8-9). Demonstra que ele próprio está inserido num processo de formulação do seu pensamento, de sua vivência cristã e da revelação de Jesus Cristo:

Paulo, com seu temperamento explosivo, trata a temática com os ‘nervos à flor da pele’ e, por isso, se torna exagerado na polêmica. Damos o desconto a esta linguagem dura, principalmente porque mais tarde, na Epístola aos Romanos, ele irá rever estas questões, principalmente no que tange à postura dos judeus com relação à Lei (Rm 9ss). Ele quer balançar e questionar seus leitores (p. 40).

Ao perceber que seus irmãos e suas irmãs estão se afastando da justiça que vem da fé em Cristo, Paulo tenta, na admoestação, fazer-se instrumento de ajuda a todos(as), para que façam uma revisão de seus projetos. “Referindo-se às virtudes teológicas, ele desinstala os gálatas para depois ajudá-los a se reconstruir” (p. 159), para que todos(as) participem da graça e da paz que não vem de Roma, mas gratuitamente de Jesus Cristo.

Em suma, o autor deixa bem claro que a primeira parte da obra aborda a essência da epístola e seus conflitos. A segunda sustenta a abertura de fronteiras que Paulo justifica pela fé e liberdade cristã na experiência da unidade e igualdade (Gl 3,26-28). E a terceira parte fundamenta a retomada do plano salvífico de Cristo, que é se deixar conduzir continuamente pelo Espírito, para se realizarem a igualdade e liberdade nas comunidades (de mesa). Esta liberdade se estreita mediante o amor, assim todos(as) devem se tornar escravos(as), isto é, colocar-se à disposição para servir aos(às) irmãos(ãs). A conclusão se dá exatamente na revelação da verdadeira paz e graça que provêm de Jesus e que provocam a unidade eclesiológica e o serviço, na liberdade, aos irmãos e às irmãs.

A obra emite, de certa forma, a experiência de vida do autor no campo religioso, mas não afeta sua contribuição científica, de elevada categoria, ao possibilitar tão bela chave de leitura (Gl 3,26-28) para a epístola. Esta possibilidade compreende e vivencia a unidade em Cristo como uma verdadeira e factível abertura de fronteiras, que rompe com as desigualdades nas relações e prescreve a escravidão do cotidiano, colocando em seus lugares a vida no Espírito.

Pode-se dizer que o livro tem como sustentáculos a vasta experiência e pesquisa do autor e uma bibliografia comentada de livros na língua pátria e em outros idiomas, além do carinho de ter um breve comentário com algumas palavras-chave utilizadas na obra. Fica claro que o livro foi redigido de forma a possibilitar uma leitura agradável e atualizada das recomendações de Paulo às comunidades da Galácia, que receberam a epístola e a fizeram circular pelas liturgias da região.

A chave de leitura escolhida pelo autor nos aproxima ainda mais da realidade vivenciada pelas comunidades dos cristianismos originários. A obra não pretende atar o(a) leitor(a), mas oferece dados riquíssimos capazes de questionar nossos conhecimentos e nossas interpretações ulteriores que não coadunam com a compreensão que o autor nos comunica.

ANDRÉA PANIAGO FIDELES

Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás.